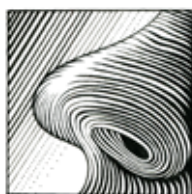


O QUE CADA UM SABE

por Estevão Azevedo

Escritor e editor. Mestre em Literatura Brasileira pela USP



PAULO CHEGOU EM CASA, DEIXOU A MALETA em cima do sofá enquanto afrouxava o nó da gravata, balbuciou uma ou duas frases automáticas e beijou Helena no rosto. Helena cortou a cebola, deixou o tomate bem picadinho, e, quando ouviu a porta da garagem se abrir, lavou as mãos, foi até a sala, ouviu o que esperava ouvir e recebeu um beijo de Paulo na bochecha. Há coisas que Helena não sabe e coisas que Paulo não sabe. Há coisas que até eu não sei. Paulo não sabe que, quando ele, no quarto, já sem sapatos, tirar a camisa cansada de um dia de trabalho, Helena olhará assustada, primeiro pensando estar enganada, depois desejando estar, e gritará seu cachorro como ousa seu seu, tudo porque viu a mancha de batom

no ombro. Isso Paulo não sabe. Mas se soubesse, mesmo assim ele iria até a cozinha, elogiaria o cheiro da comida que está no fogo e diria:

— Vou me trocar, depois desço pra comer.

Talvez prestasse mais atenção e percebesse que Helena subira atrás dele, alguns lances de escada de diferença, e o observara, prestativa, se despindo. Talvez não. O que eu sei, e do que Helena não faz ideia, é que, quando ela chorou, gritou seu seu como ousa seu seu seu e decidiu abandonar o marido pensando no bem-estar e no futuro do pequeno Tiago, ela pensava mais em se vingar tirando dele as tardes de brincadeira com o filho de que ele tanto gostava. Mas isso, é claro,

Tiago não sabe, apesar de ter chorado e dito ah mãe na vovó eu não fico que ela tem um cheiro ruim de velho e lá não tem videogame.

Mas por ora vamos fingir que Paulo sabe de tudo isso.

O cheiro da comida o faz pensar que o olfato, sentido menos nobre, algumas vezes é injustiçado. É claro que o fato de o dia ter sido repleto de cheiros ajuda na gênese desse pensamento. Primeiro, o do perfume que ele deixa escondido no escritório pros dias de encontro com Manuela e que de manhã ele borrifou no pescoço e, me perdoem por traí-lo revelando tal segredo, dentro da cueca. Depois, na hora do almoço, eita uma horinha corrida, o aroma hipnotizante da nuca de Manu, me perdoem a intimidade, perfumado com algum líquido mágico que entra pelas vias respiratórias e transforma homens de bem em zumbis, escravos dos instintos que não se admitem. Por fim, o salgado, mas não menos interessante, odor que salta do corpo após o sexo. Ah, abençoado seja o meu nariz, Paulo pensa enquanto enfia a cara na panela, e Helena sorri porque acha que a expressão do rosto dele se deve apenas a sua combinação de alho com cebola.

— Hum, o cheiro está delicioso. Vou me trocar, depois desço pra comer.

E ele sobe a escada e, enquanto sobe, percebe que Helena também vem, alguns degraus de diferença, e sabiamente entra no banheiro. Tranca a porta, bate a tampa da privada e confere se há alguma pista. Batom no pescoço! Maldita hora de almoço curta que não dá tempo nem pra um banho decente.

Helena, esperando pacientemente do lado de fora, vê o marido sair só de cueca e entrega-lhe a toalha. Sugere um banho antes do jantar. É instruída, mas as histórias que ouviu da mãe, quando menina, sobre pessoas que morrem de congestão por tomar banho depois de comer ainda estão ali, escondidinhas no seu inconsciente. Se é por isso ou não que ela sugere que Paulo tome um banho eu não sei, confesso. Mas isso não é importante, e as coisas desimportantes eu deixo pra vocês imaginarem por conta própria. Se Helena descobre ou não que Paulo sai com Manuela, isso sim eu sei. Mas prefiro não contar por enquanto. O que Helena sequer imagina é que, se descobrir a verdade, pior pra ela.

Paulo tem uma posição de destaque, é gerente da divisão, e, como toda pessoa de destaque, tem uma gaveta com chave. Aos pés-rapados nunca se dá uma gaveta com chave, seria imprudência. Cada um é o que guarda escondido, melhor não arriscar. Ele tira do bolso o molho de chaves e destranca a gaveta, a menor. Se alguém um dia resolver, mal-intencionado, abrir de alguma maneira as gavetas de Paulo, deixará a menor por último, pensa. Onde se conclui que não pensa bem quem deve. A porta de sua sala já está fechada antes mesmo de ele mexer na gaveta, retirar o perfume e borrifar no pescoço e dentro da cueca.

Onze e cinquenta e cinco. O telefone toca uma vez e para, e Manuela já pega a bolsa e desce até a portaria, dizendo pros amigos que tem uns assuntos pra resolver. O que Manuela não admite nem sob tortura é que em casa, quando o telefone toca uma vez e para, ela por



alguns segundos imagina que é dia de um almoço, digamos, mais íntimo com o cachorro do Paulo. Quando percebe o equívoco, ri e se acha uma idiota por aceitar tal tipo de estratagema, ainda mais com alguém que passa perfume na virilha. Ela imagina Paulo, sentado na sua grande cadeira, cadeira de chefe, atrás da mesa de madeira reluzente, olhando o próprio rosto no reflexo. Com uma mão ele puxa o elástico da cueca, com a outra espirra o perfume, e então grita e dos olhos saem lágrimas porque suas partes ardem muito! Deve imaginar que eu acho o máximo e vou à loucura com a surpresinha, pensa sorrindo.

Impaciente, com medo de ser descoberta, ela fica numa esquina a duas quadras do trabalho. Ele passa, nem buzina, ela abre a porta e entra depressa, ele arranca.

Nesse dia, que eu sei que aconteceu muito depois do episódio do batom no pescoço, Manuela diz a Paulo algo que ele nunca imaginou ouvir. E isso vocês acham que sabem o que é, mas não sabem. Ela não diz largue sua esposa e case-se comigo, ou vou me matar, ou ainda eu odeio que você passe perfume na cueca. Ela simplesmente diz:

— Eu vi na tevê hoje de manhã que mastigar pensando “não vou engordar, não vou” ajuda a emagrecer. Pesquisa

séria, coisa da Europa, sabe?, tinha até opinião de médico.

E ela diz algo tão estúpido, mas tão, sobre um assunto insignificante qualquer, que Paulo percebe o quanto Helena é uma pessoa com quem sempre se pode conversar com inteligência, e que até mesmo o sexo com ela, quando ele ainda a procurava com frequência, era mais gratificante do que com essa mulher que está no banco de passageiros olhando pra ele e mexendo a boca sem parar, como num filme mudo. Isso tudo ele pensou num segundo, talvez nem tenha pensado, só tenha sentido, mas o mais importante é que ele se desvia do caminho, para num restaurante e diz que hoje não porque está com dor de cabeça. Depois desse dia, nunca mais a procura, nem à mulher nenhuma com exceção de sua Helena, que talvez nem saiba bem por que Paulo manda Tiago dormir na vó com tanta frequência e a convida pra dormir abraçada. Por isso é que é melhor Helena nem saber do que aconteceu antes. No fim está tudo bem.

Tiago, por sua vez, não sabe por que passa tantos fins de semana com a vó. A vó gosta, faz bolo, compra bala, dá presente que Tiago odeia porque se desse presente bom não era vó, vó que é vó só acerta se der dinheiro mesmo, e mima o menino como ninguém. Helena liga pra mãe e diz que o menino vai ficar até mais tarde hoje, porque ela está um pouco cansada e vai dormir um tantinho ainda. E dessa vez é verdade mesmo, Paulo e a frase estúpida de Manuela, tempos atrás, não têm nada a ver com

a história. Está com uma dorzinha estranha. Há coisas que só Deus sabe. Helena não sabe que o leve incômodo que sente no abdômen, já diagnosticado por ela mesma, médica formada por fascículos de revista e instintos de mulher, como sendo gases e mau jeito, daqui a oito anos se revelará um tumor, e que isso a matará. Quando isso acontecer, Paulo ainda será seu marido e Tiago ainda não estará em idade de aguentar o cheiro de velho da vó.

Tiago atira as peças do quebra-cabeça na vó, pois ela é o monstro alienígena que vive no sofá, e as peças são bombas de raios gama antialienígena. A vó rebate as que pode, mas os reflexos a essa altura da vida não estão lá essas coisas e comprometem seu desempenho como alienígena. Tiago ri especialmente se a acerta no olho, pois qualquer guerreiro espacial sabe que esse é o ponto fraco dos seres do espaço. E a vó sorri vendo o neto gargalhar a ponto de rolar no chão, e, quando não aguenta mais, troca o cessar-fogo por um bolo de chocolate que precisa levantar pra assar. Eu sei que Tiago se diverte na vó, apesar de reclamar do cheiro de velho.

Tudo isso, na verdade, vocês também sabiam, antes mesmo de eu contar. Se vocês quisessem, Helena teria visto a mancha de batom no pescoço de Paulo. Ou então seria Helena quem teria um caso com o vizinho, o seu Antero, que era mais velho, mas bem-apegoado. E o tumor de Helena, era realmente maligno? Cada um sabe o que acha que sabe. Tem coisas que eu prefiro nem saber.